

REORGANIZAÇÃO DA LINGUAGEM DE UM SUJEITO COM AFASIA

LANGUAGE REORGANIZATION OF A PERSON WITH APHASIA

Nirvana Ferraz Santos Sampaio

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
nirvanafs@terra.com.br

Lucélia Teixeira Santos Santana

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
ltssantana_1@hotmail.com

RESUMO:

Objetivamos, neste trabalho, discorrer sobre a linguagem na afasia. Para tanto, apresentaremos um recorte da dissertação de mestrado intitulada: INTERAÇÃO VERBAL E ESCRITA: REORGANIZAÇÃO DA ORALIDADE DE UM SUJEITO COM AFASIA. Assim, este trabalho apresenta o estudo de caso de um sujeito afásico (OJ), que foi acompanhado longitudinalmente, sob os pilares da Neurolinguística Discursiva (ND). Consideramos que o afásico, por meio de estratégias, recursos linguísticos, via mediação, pode ser considerado sujeito de linguagem.

Palavras-chave: Neurolinguística Discursiva, Linguagem, Afasia, Oralidade, Escrita.

ABSTRACT:

We aim in this paper discuss the language in aphasia. Therefore, we present an excerpt of the dissertation entitled: VERBAL INTERACTION AND WRITTEN: ORALITY OF REORGANIZATION OF A PERSON WITH APHASIA. This work presents the case study of an aphasic (OJ), which was followed longitudinally under the pillars of the Discursive Neurolinguistics (ND). We believe that the aphasic through strategies, linguistic resources via mediation, can be considered subject language.

Keywords: Discursive Neurolinguistics, Language, Aphasia, Orality, Writing.

Introdução

É por meio da linguagem que o homem interage e toma conhecimento de várias informações e expõe suas opiniões no mundo. Há várias formas de se colocar no mundo com a linguagem, como, por exemplo, por meio da oralidade, da escrita, dos desenhos, por meio de sinais e várias outras combinações que dão forma à linguagem.

Neste trabalho, tivemos como objeto de estudo a linguagem escrita de OJ¹ como estratégia para a realização da oralidade, e tentamos compreender o seu funcionamento através da observação de suas manifestações na afasia. Para tanto, adotamos o conceito de linguagem estabelecido por Franchi (1977), no qual ele afirma que a linguagem “é um trabalho que dá forma ao conteúdo variável de nossas experiências”, e é desenvolvida continuamente, levando em conta fatores históricos, sociais e individuais.

O presente trabalho tem como aporte teórico a Neurolinguística Discursiva (ND), que, conforme afirma Coudry (1988), realiza um trabalho que toma como base as teorias e práticas que defendem uma concepção de linguagem que relaciona língua, discurso, cérebro e mente, assim como, também, definida por Franchi (1977). E é nessa relação da linguagem, juntamente com os estudos realizados por Luria (1984) e Freud (1891), sobre o funcionamento dinâmico e integrado de cérebro e mente, os quais afirmam que a linguagem está presente em todo o cérebro e funcionam por meio de associações, estudos estes que se contrapõem a uma visão localizacionista, que fundamentamos este trabalho.

1. Neurolinguística discursiva

A Neurolinguística Discursiva (ND) se contrapõe a uma avaliação linguística com base nos testes-padrão e a aplicação de determinados modelos teóricos linguísticos com enfoque metalinguístico em sujeitos acometidos por patologias da linguagem. Coudry (1988), a precursora da ND, apresenta, em seu livro: *Diário de Narciso: Discurso e Afasia*, uma prática clínica avaliativa, que propõe um trabalho com a linguagem incluindo o sujeito e priorizando as interlocuções e as ações deste sujeito sobre a língua. Para fundamentar o seu trabalho, a autora resgatou teorias relacionadas aos estudos linguísticos, com o intuito de teorizar a prática que realiza.

¹ Os dados relacionados ao sujeito afásico OJ poderão ser encontrados, posteriormente, neste artigo.

Ao resgatar teorias que pudessem dar conta das questões apresentadas, Coudry (1988) rejeita concepções de língua e linguagem que possam excluir os aspectos históricos e sociais da linguagem, para ela, a língua se estabelece em coletividade e para atender necessidades que fazem parte de aspectos culturais de um povo, assim, a língua é uma forma de admissão cultural e de socialização. Desse modo, ela afirma que “(...) a língua é resultante desse trabalho coletivo e histórico, de uma experiência que se reproduz e se perpetua”. Coudry (1988, p.56), discorrendo sobre o conceito de língua adotado pela ND afirma que:

A língua é um sistema o que implica organização entre seus elementos em relações que se estabelecem historicamente - um sistema *plástico* (aberto como define Geraldí 1991 (1993) e, por isso, passível de mudanças (em certas direções e não em outras) em função da relação que há entre o conhecimento que o sujeito tem do sistema e o uso que faz dele. Isso mostra então, a heterogeneidade da linguagem. (COUDRY, 1988, p.29)

Ela reitera que:

(...) O que deriva do social, pois, não é a língua enquanto sistema, mas as regras sociais do jogo da linguagem que se originam na prática com a linguagem. Regra não é uma lei formal de correspondência entre categorias e um sistema abstrato. (COUDRY, 1988, p.56)

Segundo a autora, a língua, enquanto sistema, não deriva do social, o que deriva do social são as regras do jogo da linguagem, estas podem ser modificadas. Há várias formas de utilizá-la, mas o objetivo a ser alcançado é o mesmo, produzir sentido para inserção no mundo com ela. A linguagem pode ser comparada a um jogo e há várias formas de jogar, e um objetivo.

O conceito de linguagem que embasa a ND é a mesma apresentada por Franchi (1977). Para esse linguista, ela está sempre inacabada, a construir. Franchi afirma que:

Não há nada de imanente na linguagem, salvo sua força criadora e constitutiva, embora certos ‘cortes’ metodológicos e restrições possam mostrar um quadro estável e constituído. Não há nada universal, salvo o processo – a forma, a estrutura dessa atividade. A linguagem, pois, não é um dado ou resultado; mas um trabalho que dá ‘forma’ ao conteúdo variável de nossas experiências, trabalho de construção, de retificação do ‘vivido’, que ao mesmo tempo constitui o sistema simbólico mediante o qual se opera sobre a oralidade como um sistema de refe-

rências em que aquele se torna significativo. Um trabalho coletivo em que cada um se identifica com os outros e a eles se contrapõe, seja assumindo a história e a presença, seja exercendo suas opções solitárias. (FRANCHI, 1977, P.22)

Esta abordagem discursiva da Neurolinguística nos permite olhar de modo abrangente para a linguagem, mostrando que o trabalho realizado pelo homem sobre esta é criativo e dotado de novas experiências que se materializam continuamente. Olhar para o sujeito como criador, retificador da linguagem abre margens para uma interpretação que abarca todos os processos alternativos de significação, pois, ao dar forma ao conteúdo de suas experiências ele agirá de forma particular, de acordo com sua história na sociedade.

Para materializar nossas experiências, podemos utilizar várias modalidades da linguagem, mas o uso da modalidade oral é primordial. É falando que nos inserimos, interagimos, demonstramos a subjetividade em sociedade. Perder a capacidade de se colocar no mundo com a linguagem oral é, praticamente, perder a capacidade de se representar nele. A afasia, sequela que afeta a linguagem, foi e continua sendo uma patologia investigada por muitos linguistas. Coudry (1988) caracteriza a afasia como:

(...) alterações de processos linguísticos de significação de origem articulatória e discursiva (nesta incluídos aspectos gramaticais) produzidas por lesão focal adquirida no sistema nervoso central, em zonas responsáveis pela linguagem, podendo ou não associarem a alterações de outros processos cognitivos. Um sujeito é afásico quando, do ponto de vista linguístico, o funcionamento de sua linguagem prescinde de determinados recursos de produção ou interpretação. (COUDRY, 1988, p.5)

A afasia é campo fértil para estudos relacionados ao funcionamento da linguagem, pois, como afeta a linguagem de várias formas e sempre mostra as dificuldades encontradas, quando há uma lacuna, e quais os recursos utilizados para manter o seu funcionamento, mesmo quando nem todos os recursos que a língua oferece estão disponíveis.

Coudry (1988) não poderia deixar de inserir os estudos de Roman Jakobson no seu trabalho, pois, este autor foi um dos primeiros a considerar que não é possível estudar as patologias da linguagem sem a presença de um linguista. Roman Jakobson é considerado um dos maiores linguistas da atualidade e trouxe ideias inovadoras para sua época, algumas ideias formuladas por ele contribuíram muito para os estudos linguísticos. Dentre os estudos realizados por Jakobson, trazemos, à luz da ND, para este artigo, algumas definições ou

considerações que ele fez em relação aos distúrbios da fala.

Os distúrbios da fala estavam limitados aos estudos das afasias, que, inicialmente, eram realizados somente pela área médica. Jakobson (1965) realizou um grande feito para o avanço desses estudos, pois ele foi o primeiro linguista a realizar um trabalho sobre a afasia no qual ele afirmou que:

Se a afasia é uma perturbação da linguagem, como o próprio termo sugere, segue-se daí que toda descrição e classificação das perturbações afásicas deve começar pela questão de saber quais aspectos da linguagem são prejudicados nas diferentes espécies de tal desordem (...). (JAKOBSON, 1965, p.34)

Para estudar os distúrbios da linguagem é necessário saber, em primeiro lugar, quais são as características da ruptura e o que deixou de funcionar. Para isto, é necessária a presença do Linguista, pois este poderá ter uma visão mais detalhada e precisa, já que a linguística, segundo Jakobson (1965, p.35), “interessa-se pela linguagem em todos os seus aspectos – pela linguagem em ato, pela linguagem em evolução, pela linguagem em estado nascente, pela linguagem em dissolução”.

O autor fez uma importante classificação das afasias sobre este aspecto. Para tanto, ele afirmou que os distúrbios da fala podem comprometer o desempenho do sujeito em termos de seleção e combinação e os classificou como distúrbios da similaridade e distúrbio da contiguidade.

No distúrbio da similaridade a parte de seleção é afetada e o sujeito, segundo Jakobson, apresenta problemas para escolher os sintagmas. Nesse caso, o contexto e a fala do outro facilitam o desempenho do falante acometido por esse tipo de problema. No segundo, o da contiguidade, a parte de seleção está perfeita, mas a da combinação, responsável pela constituição dos enunciados está comprometida. O sujeito terá problemas para combinar os sintagmas e, dessa maneira, realizará frases agramaticais, as sentenças tendem a diminuir ou desaparecer.

Ele asseverou que, basicamente, mesmo entre a imensa variedade de afasias, um desses campos estaria comprometido. E que a base para se compreender um caso de afasia seria sempre avaliar em qual desses aspectos estaria havendo falhas. Ele também fez menção aos polos metafóricos e metonímicos relacionando-os com as relações de simultaneidade e contiguidade. Sujeitos com problemas de seleção, provavelmente, terão dificuldades no polo metafórico e os com dificuldades de combinação, no polo metonímico.

As colaborações de Jakobson (1975) apontaram para uma análise da lin-

guagem voltada para o uso e funcionamento da linguagem. Inferimos que, para observar qual parte da linguagem parou de funcionar, é necessário olhar para o sujeito a partir de seus diálogos, pois, somente assim, é possível identificar tais aspectos.

Pensando, também, nesses dois aspectos de análise, a ND busca identificar quais são as dificuldades dos sujeitos afásicos e, ao identificar o fenômeno linguístico que se manifesta em cada afásico, busca trabalhar com esse sujeito de forma contextualizada, fazendo com que sua linguagem seja estimulada, mesmo em meio à seqüela.

Outro grande inspirador da ND foi Alexander Romanovich Luria (1981), um neuropsicólogo, que apresentou em seu livro: *Fundamentos de Neuropsicologia* grandes colaborações para os estudos das afasias e, conseqüentemente, para a ND. Esse livro apresenta um estudo do cérebro, de sua estrutura e de sua organização funcional. Esse autor se contrapõe aos localizacionistas de sua época, que objetivavam relacionar o local da lesão cerebral com a função desta no cérebro. O autor formulou um conceito, no qual estabeleceu que os processos mentais são realizados por meio de um *sistema funcional complexo*, onde as áreas trabalham em *concerto*. Nas palavras do autor:

Os processos mentais humanos são sistemas funcionais complexos e que eles não estão “localizados” em estreitas e circunscritas áreas do cérebro, mas ocorrem por meio da participação de grupos de estruturas cerebrais operando em concerto, cada uma das quais concorre com a sua própria contribuição particular para a organização desse sistema funcional. (LURIA, 1981 p.27)

Luria (1981) fez uma descrição dos processos mentais humanos, denominando-os como um *sistema funcional complexo*. Além de se contrapor, em certa medida, aos localizacionistas, ele negou que os processos pudessem estar localizados em áreas restritas no cérebro e afirmou em sua teoria, que os processos funcionais da linguagem são realizados de forma sincrônica. O sistema que ele descreveu é composto, de forma hierárquica, por três unidades ou zonas, sendo necessária a participação conjunta para que o sistema funcione normalmente. Luria afirmou que há uma dependência entre as áreas para que a linguagem se realize. Diante disso, ele assegurou que quando há lesão em uma área, outras áreas, ou mesmo todo o sistema pode ser comprometido.

Essa ideia de funcionamento, na qual uma área depende da outra para funcionar, significou muito para os estudos sobre os distúrbios da linguagem, pois nem sempre a localização da lesão coincidia com os sintomas observados

nos sujeitos cérebro-lesados, isso apontou um novo caminho para os pesquisadores da época.

A ND também se inspirou em Luria quando escolheu estudar a linguagem de sujeitos cérebro-lesados longitudinalmente. Esse médico observou e descreveu casos de soldados vítimas de lesões sofridas na Segunda Guerra Mundial. Oliver Sacks (2008), no prefácio de sua autoria, encontrado no livro *O homem com um mundo estilhaçado*, de Luria, discorre sobre este afirmando que:

A vida toda Luria empenhou-se em estudar o pensamento, a percepção e a ação do ser humano, os modos como podem ser danificados ou transtornados e os modos como podem ser reconstituídos depois de danos produzidos por ferimentos ou doenças. (SACKS, 1987, p.9)²

Luria escrevia livros clássicos, considerados científicos e romances, nos quais ele escrevia histórias descrevendo casos de sujeitos com ferimentos cerebrais ou doenças. Casos que acompanhou por mais de 30 anos. Sacks considerava ambas as obras importantes, considerando os romances uma forma de ciência diferente que servia de complemento à ciência tradicional. Ao descrever esses casos, pudemos perceber que Luria considerava importante a presença das descrições detalhadas dos casos em seus estudos.

Sempre tive a consciência de que uma boa descrição clínica dos casos desempenha papel predominante na medicina, especialmente em neurologia e psiquiatria. Infelizmente, a capacidade de escrever, tão comum nos grandes neurologistas e psiquiatras do século XX... praticamente se perdeu nos dias de hoje...(LURIA,2008,p.12)

A ND segue este mesmo pensamento ao acompanhar, longitudinalmente, os casos de sujeitos acometidos por patologias linguísticas, descrevendo as características dos fenômenos, observando as lacunas e dificuldades dos sujeitos e, principalmente, enfocando nos mecanismos utilizados nas reconstruções da linguagem.

Coudry (1988) apresentou uma prática de acompanhamento longitudinal, na qual, a partir de atividades contextualizadas, os sujeitos são estimulados a realizar atividades que possam estimulá-los a colocar a linguagem em funcionamento, usando os mais variados recursos, e, assim, o pesquisador pode

² Esta citação de Oliver Sacks pode ser encontrada no prefácio do livro *Um homem com o mundo estilhaçado* de autoria de A.R. Luria.

observar e descrever as características do caso e realizar intervenções que o auxilie em suas dificuldades.

Freud (1977) apresentou um aparelho de linguagem que funciona por meio de associações. Ele afirmou que a afasia é uma interrupção nas associações relacionadas à palavra, e faz uma comparação da afasia com a construção e aprendizado da linguagem na infância. Ele explica que ao adquirir a linguagem, na infância, por meio de associações da palavra em relação aos objetos, o aparelho de linguagem segue uma ordem hierárquica. Já nas afasias há uma desintegração da linguagem de forma aleatória, desse modo, pode haver problemas associativos em várias ordens. O que nos chama atenção, em especial, é o que ele nos apresentou a seguir:

[...] a patologia das perturbações da linguagem não faz mais que repetir uma situação que se apresenta normalmente durante a aprendizagem de funções da linguagem [...] a única diferença está no facto de no aprender estarmos ligados à hierarquia existente dos centros que iniciaram a sua função em tempos diversos. (primeiro o sensorial acústico, depois o motor, mais adiante o visual e por fim o gráfico), ao passo que nos casos patológicos é chamado em auxílio em primeiro lugar o centro que permaneceu mais eficiente. (FREUD, 1977, p.29).

Freud afirmou que quando há desintegração no aparelho de linguagem, o centro associativo que se encontra menos eficiente e falho pode receber auxílio dos centros que estão mais eficientes. Esta ideia de funcionamento dinâmico mostra que novas associações e combinações são realizadas para que a linguagem se restabeleça. A ND também se apoia em teorias freudianas, ao realizar a prática avaliativa que aposta no sistema funcional e na neuroplasticidade cerebral. Com base nestes elementos, Coudry (1988) assegurou que os sujeitos, ao se depararem com situações adversas, conseguem driblar suas dificuldades, mediante a força criadora de que são dotados.

Então, ao buscar luz em antigas teorias como as colocadas por Luria, Jakobson e Freud, dentre outros que possam fundamentar sua prática, Coudry (1988) mostra que, há muito tempo, os distúrbios da linguagem já vinham sendo investigados e que trazem explicações e soluções para problemas que, hoje, se apresentam de forma latente nas avaliações de sujeitos com linguagem afetada.

2. A oralidade e a escrita nas afasias

Os estudos sobre a oralidade e a escrita, hoje, na maioria das vezes, não fazem sentido se não forem realizados numa perspectiva que faça referências às funções dessas práticas na sociedade contemporânea. São modalidades de linguagem que se misturam de forma natural na rotina do homem e que ocupam papéis importantes na língua.

Ao discorrer sobre algumas reflexões sobre o uso da língua, Marcuschi (2004) adota uma perspectiva que enfatiza a língua em funcionamento, considerando as ações do sujeito sobre a língua como fundamentais. Para esse autor, a fala e a escrita não devem ser analisadas somente de acordo com o uso das regras, das formas, e sim, a partir dos mecanismos que são usados para emitir sentido aos enunciados. Ele afirma que:

(...) são os usos que fundam a língua e não o contrário, defende-se que falar ou escrever bem não é ser capaz de adequar-se às regras da língua, mas é usar adequadamente a língua para produzir um efeito de sentido pretendido numa dada situação. Portanto, é a intenção comunicativa que funda o uso da língua e não a morfologia ou a gramática. (...). (MARCUSCHI, 2004, P.9)

O autor afirma que, para ele, não importa saber como se pode chegar a um texto ideal, seguindo as regras, as formas, mas como construir um discurso significativo de acordo com as situações.

Marcuschi (2004) discorre sobre duas modalidades linguísticas: Fala e Escrita. Para tanto, ele relaciona, diferencia e define oralidade/letramento e fala/escrita dentro de uma perspectiva voltada para as práticas sociais ou letramentos. O letramento é conceituado por Marcuschi (2004) como “um processo de aprendizagem social e histórica da leitura e da escrita em contextos informais e para usos utilitários, por isso é um conjunto de práticas, ou seja, letramentos”. Segundo esse autor:

Até mesmo analfabetos, em sociedades com escrita, estão sob a influência do que contemporaneamente se convencionou chamar práticas de letramento, isto é, um tipo de processo histórico e social que não se confunde com a realidade representada pela alfabetização regular e institucional. (MARCUSCHI, 2004, p.19).

Ao caracterizar o homem e diferenciá-lo de outros animais, podemos dizer que o homem é um ser que fala, pois, desde o nascimento, esta é desenvolvida, naturalmente, nos primeiros anos de vida. A história da origem da fala remonta

milhões de anos e não há relatos sobre quando ou se pôde ser desenvolvida fora do convívio social, porém, sabe-se que a fala é carregada de características individuais, como já afirmava Saussure (1916, p.28): “nada existe, portanto, de coletivo na fala; suas manifestações são individuais e momentâneas. No caso, não há mais que a soma de casos particulares (...)”. No entanto, acreditamos que a coletividade ou, ao menos, o contato com o outro é fator muito importante para que a fala seja desenvolvida, mas também sabemos que, ao produzir a fala, estão em jogo vários fatores como, aspectos físicos e psíquicos que dependem de particularidades de cada pessoa.

A fala, modalidade linguística de primeira ordem, é definida por Marcuschi (2004), como:

(...) uma forma de produção textual discursiva para fins comunicativos na modalidade oral (situa-se no plano da oralidade, portanto), sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano. Caracteriza-se pelo uso da língua na sua forma de sons sistematicamente articulados e significativos, bem como os aspectos prosódicos, envolvendo, ainda, uma série de recursos expressivos de outra ordem, tal como a gestualidade, os movimentos do corpo e a mímica. (MARCUSCHI, 2004, P. 25).

Marcuschi (2004) afirma que a linguagem oral é produzida por meio dos sons e por elementos prosódicos, que são naturais da própria língua e, ainda, é complementada por vários recursos de outras ordens como gestos, expressões faciais, movimentos com o corpo e a mímica. O homem, ao utilizar a fala, lança mão de vários recursos para dar sentido ao que pretende dizer e demonstra, por meio de particularidades, sua subjetividade.

Acredita-se que em todas as sociedades têm ou tiveram uma tradição oral, no entanto, não se pode dizer a mesma coisa em relação à escrita. A fala está, cronologicamente, em primazia em relação à escrita, a história da linguagem oral está sempre à sua frente, mas este fato não a torna superior. Segundo Marcuschi (2004), a escrita pode ser implantada e adotada em determinada sociedade de uma forma tão marcante, podendo se sobressair em relação à oralidade. Esse autor define a escrita como:

(...) um modo de produção textual-discursiva para fins comunicativos com certas especificidades materiais e se caracteriza por sua constituição gráfica, embora envolva também recursos de ordem pictórica e outros (situa-se no plano dos letramentos) Pode manifestar-se do ponto de vista de sua tecnologia, por unida-

des alfabéticas (escrita alfabética), ideogramas (escrita ideográfica) ou unidades iconográficas, sendo que no geral não temos uma dessas escritas puras (...). (MARCUSCHI, 2014, P. 26).

A escrita tem conquistado lugar na sociedade atual, mesmo sendo criada pelo engenho humano muito depois do surgimento da fala, é praticamente impossível não estar envolvido em práticas com a escrita no cotidiano. Ela se tornou imprescindível para a sobrevivência na modernidade e está no trabalho, na escola, no dia a dia, na família, na vida burocrática, em atividades intelectuais e nos meios religiosos. O ato de escrever não é tão natural como o da oralidade e para aprender a escrever é necessário ir para a escola, ter o auxílio de um professor, ser apresentado ao mundo das regras gramaticais, no entanto, com a ampliação do uso da escrita na sociedade, todos acabaram, de certa forma, tendo que se adequar às novas regras. O uso da escrita foi se imbricando de tal forma com a oralidade que as pessoas começaram a transitar da fala para a escrita e vice versa de forma natural. Segundo Marcuschi (2004), a escrita utilizada, de forma geral, está desvinculada daquela adquirida na escola, baseada em regras e formas.

Com as práticas de letramento, que podem estar relacionadas à escrita, é possível que as pessoas possam conviver em sociedade superando as dificuldades, inicialmente impostas pelo uso da leitura e da escrita, antes privilégio de poucos. O sujeito letrado, mesmo sem ter sido alfabetizado, é capaz de identificar os produtos de um supermercado, observando mecanismos diversos como, por exemplo, conhecer qual produto deve-se levar de acordo com a cor, logomarca, tamanho e desenho das letras ou qual ônibus embarcar, observando os números, tamanho da palavra ou cores.

Com os estudos que determinaram as práticas de letramentos, a fala e a escrita deixaram de ser vistas somente de forma dicotômica e conceituadas a partir de códigos que supervalorizavam a regras gramaticais, a linguagem falada e escrita começou a ser observada com base no uso e funcionamento da língua e como unidades que se complementam. São modalidades linguísticas de ordens diferentes, mas que não possuem características que possam as considerar dicotômicas e sim complementares.

Considerando a fala e a escrita como modalidades linguísticas que permeiam o humano e considerando-as sob uma perspectiva das práticas de letramento, façamos deste texto, também, um lugar para discorrer sobre questões relacionadas a essas modalidades nas afasias.

O início dos estudos acerca das afasias é marcado pelo interesse em estudar

a oralidade, desse modo, a afasia há muito tempo, já vem sendo relacionada à oralidade em primazia. Ainda que, atualmente, muitos estudos linguísticos tenham mostrado que a linguagem oral e a linguagem escrita não são modalidades dicotômicas, e sim complementares, a Neurolinguística moderna insiste em deixar essa relação à margem de sua literatura e em realizar os estudos das afasias voltados apenas para a oralidade e considerando-a em sua modalidade metalinguística.

Refletindo sobre as patologias de linguagem, Santana (2002) chama atenção para os estudos realizados sobre a modalidade escrita nas afasias. A autora aponta para a prevalência de uma relação da afasia com a oralidade, na qual, a escrita é, na maioria das vezes, deixada fora desses estudos. Ela afirma que:

(...) se a escrita também é um processo linguístico, significa que o termo “afasia” serviria tanto para designar alterações da linguagem oral quanto alterações da linguagem escrita. (SANTANA, 2002, P.17).

Segundo a autora, “quando se toma a linguagem como sinônimo de código ou como estrutura, vários fatos importantes afeitos a ela ficam excluídos” (Santana, 2002, p. 39). Nesse caso, a linguística não dá conta de descrever as várias faces do objeto linguístico. Para que as várias faces da linguagem possam ser consideradas dentro dos estudos linguísticos é necessário lançar mão de uma visão de língua e linguagem orientada de forma discursiva, levando em consideração o trabalho do sujeito e dos interlocutores.

A linguagem escrita deve ser tomada como prática social nas observações sobre a linguagem afásica. Há que considerar que a escrita só acontece por meio da subjetividade, de trabalho e de diálogos, pois ao escrever o sujeito sempre mantém uma relação dialógica com um interlocutor, ainda que seja com o próprio eu.

Ao observar a linguagem escrita nas afasias é imprescindível o olhar para o sujeito enquanto ser histórico que mantém relações com o mundo letrado desde o nascimento. Saber a trajetória dos sujeitos com a escrita antes e depois da afasia, investigar sobre o conceito de escrita para ele e como e para quem ele fazia uso da escrita. Usava a escrita por diversão? Usava no trabalho? Usava por necessidade ou por prazer e quais são os hábitos com a escrita depois da seqüela? São perguntas que devem ser respondidas antes que um pesquisador ou terapeuta comece o trabalho com o sujeito. O uso da escrita não deve estar pautado nos códigos, mas sim, nos mecanismos que estão sendo usados para estabelecer sentidos. Assim como na linguagem falada, a produção da escrita

também pode ser afetada com a afasia e a escrita pode se tornar confusa, embaralhada, fragmentada e cheia de parafasias. Para dar sentido à escrita, busca-se o apoio de elementos de outras ordens ou não como a fala, a prosódia e a leitura e também de modalidades não linguísticas como gestos, pantomimas, expressões faciais, sendo assim, é preciso olhar sempre para o conjunto com o intuito de entender o único.

Santana (2002) enfatiza que “a escrita também é uma forma de diálogo entre o escritor e o leitor” e quando se escreve tem-se objetivos a serem alcançados. Pode-se escrever para lembrar-se de algo, essa escrita pode estar abreviada e fugir das formalidades, assim como, também, pode se escrever um bilhete para um amigo. Já no caso de uma escrita para um desconhecido, geralmente, busca-se uma escrita mais formal. O afásico pode, simplesmente, escrever para falar com alguém, ou seja, escrever o que gostaria de falar, mas nem sempre a escrita está preservada, podendo estar, também afetada. Desse modo, há um movimento que mescla fala escrita, leitura e outros processos alternativos que possibilitam o sujeito a chegar ao seu objetivo.

De acordo com as colocações de Santana (2002), esses fatores não são observados pelos pesquisadores e terapeutas que não utilizam uma perspectiva discursiva da linguagem e, sendo assim, existe uma tentativa de (re) alfabetizar os afásicos como se eles nunca o tivessem sido. O afásico tem a linguagem alterada pela sequela, mas as suas capacidades de escrita e oralidade continuam existindo, sendo elas, principalmente, concebidas em meio a práticas sociais do mundo letrado.

O pesquisador ou terapeuta não deve agir como um professor, aquele que ensina, que alfabetiza, que ensina falar “corretamente”, mas sim, um interlocutor, mediador que procura compreender o que está sendo dito por meio de vários processos que só existem pelo funcionamento flexível da língua e da linguagem.

3. Materiais e métodos

Para realizar este trabalho, acompanhamos um sujeito afásico, longitudinalmente, utilizando a prática avaliativa sugerida pela ND. A ND se caracteriza, principalmente, por realizar um trabalho que relaciona a prática avaliativa com a linguagem, acompanhamento longitudinal de sujeitos acometidos por patologias linguísticas e teorias que fundamentam e iluminam as análises dos dados.

A prática avaliativa utilizada no acompanhamento e estudo de caso se contrapõe aos modelos de avaliação utilizados pela Neurolinguística tradicional, que se pautam em testes psicométricos que idealizam uma divisão “estrita

entre o que é da ordem do normal e do patológico” Coudry (2010, p.24). Estes modelos não consideram, em suas avaliações, os processos alternativos de significação utilizados pelos falantes, desse modo, acabam fazendo diagnósticos equivocados e diminuindo as chances de uma reestruturação da linguagem.

Desse modo, acompanhamos um sujeito afásico durante três anos e nove meses, no Espaço de Convivência entre Afásicos e não Afásicos (ECO), localizado na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Esse espaço faz parte do Laboratório de Pesquisa e Estudos Neurolinguísticos e é coordenado pela Prof.Dr^a. Nirvana Ferraz Santos Sampaio, também orientadora deste trabalho.

4. Conhecendo o sujeito OJ

O participante voluntário que foi acompanhado de forma longitudinal, possibilitando a realização da pesquisa e escrita da dissertação, é identificado como OJ. Estabelecemos referenciá-lo desta forma para garantir o sigilo de sua identidade. Trata-se de um homem de 35 anos, 1.80, casado, pai de uma menina de 12 anos, alfabetizado, inclusive possui o 1º grau incompleto, ou seja, estudou até a 5ª série. Reside em uma cidade próxima, com sua filha e esposa. A cidade está localizada a 182 km de Vitória da conquista, OJ faz uma pequena viagem de aproximadamente 2 horas e 45 minutos toda semana para participar das sessões de acompanhamento.

OJ é uma pessoa muito vaidosa, amigável, carismática e brincalhona, às vezes até mais se parece com um menino. É também, explosivo e sabe reclamar sempre quando algo não lhe agrada, ficando nervoso, se mostrando bem teimoso e turrão em suas opiniões. De acordo com o relato de OJ, juntamente com sua família, ele, após ter ido a uma festa e ingerido uma quantidade alta de bebidas alcoólicas, chegou a sua casa, deitou-se normalmente e horas depois acordou se sentindo mal e sem conseguir falar ou levantar-se da cama. Sua esposa o socorreu chamando um médico em sua casa. O médico, ao chegar e examinar orientou-os para que o retirassem da cidade que mora e o trouxesse para Vitória da Conquista. Foi preciso ficar um tempo no hospital aguardando uma vaga na UTI. Todos os exames solicitados pela equipe médica foram realizados.

O episódio ocorreu no dia 08-05-2011. No laudo médico, emitido no dia que OJ recebeu alta, 11-05-2011, consta que ele sofreu um Acidente Vascular Cerebral isquêmico, (AVCi) e que apresentava quadro de disartria e hemiplegia à direita. Verificando outros exames posteriores, vimos que o (AVCi) aconteceu devido a uma obstrução completa da artéria carótida interna esquerda e há

diagnóstico de afasia de expressão.

O Acidente deixou sequelas como a hemiplegia e a afasia, desse modo, o sujeito não consegue exercer algumas das atividades que realizava antes. Ele exercia a profissão de motorista de caminhão no supermercado do pai, e agora não trabalha mais formalmente e está aposentado. No início do acompanhamento, em relatório redigido por sua esposa, consta que dentre as suas atividades preferidas estavam: Sair com os amigos, cuidar do carro, assistir jogos de futebol, e trabalhar. Com a limitação, ele agora não tem permissão médica para dirigir nem trabalhar. Sua vida mudou, está muito impaciente e nervoso e, além de não poder dirigir, também não pode exagerar na alimentação, sair à noite e ingerir bebidas alcoólicas. Tenta falar com os amigos, com muita dificuldade. A família estava procurando se comunicar com ele. De acordo com sua esposa: “Sempre perguntando o que ele quer. E tentando adivinhar suas palavras.”.

OJ começou a ser acompanhado no dia 29 de Setembro de 2011. Este sujeito está sendo acompanhado por pesquisadoras do ECOA, longitudinalmente, há três anos, o que totaliza, aproximadamente, 50 sessões. Reunimo-nos com este afásico uma vez por semana para realizar seu acompanhamento.

5. O que nos mostrou a escrita e a oralidade de OJ.

A afasia é uma das sequelas deixadas pelo AVCi que acometeu o sujeito OJ. Esse sujeito teve sua linguagem oral comprometida e carregada de particularidades que terão possibilidades de reestruturação, com base no histórico de vida deste sujeito. A afasia aqui apresentada afetou drasticamente sua capacidade de expressar-se oralmente. A fala é fragmentada e reduzida, a dificuldade em articular as palavras faz com que venham outras em seus lugares, trazendo à tona as parafasias e estereotípias. Estas, por não serem compreendidas por seus interlocutores, são complementadas por meio da escrita, dos gestos, dos olhares, das expressões faciais, da entoação, dos desenhos e de muitas outras combinações que não podem ser descritas, por fazerem parte de uma linguagem que está sempre inacabada como afirma Franchi (1977), e, desse modo, sendo sempre moldada por quem a coloca em funcionamento.

Uma das marcas mais evidentes na linguagem do participante dessa pesquisa é a presença da construção verbalizada “Paquí”. A repetição de segmentos sem significação, a estereotípias, também conhecidos como “não palavra”, é uma das características da afasia do sujeito em questão. A construção que se apresenta sempre na linguagem oral, ocupando o lugar da palavra desejada, é sempre complementada com algum recurso linguístico, ou não, que se apresenta

como processo alternativo de significação como, por exemplo, o desenho, a escrita, o apontar para pessoas ou objetos.

Sessão realizada em 2012 – Aniversário sem presente

Legenda: Serão utilizadas as siglas OJ, para o sujeito da pesquisa e ILS para investigadora.

Contexto: Nesta ocasião, estávamos comemorando um aniversário no grupo e OJ, por esquecimento ou mesmo por um desentendimento de informações, não trouxe um presente para o aniversariante. Desse modo, questiona para ILS sobre o fato de não ter sido informado sobre o aniversário e fica zangado. Ele quer resolver a situação porque, para ele, aniversário sem presente não dá certo.

Dado 1: **Não, eu não sabia que ia ter aniversário.**

Dado 2: **Esse valor é suficiente?**

Quadro 1: Aniversário sem presente

| Turnos | Sigla do locutor | Transcrição | Observação sobre as condições de produção de processos alternativos de produção não verbais | processo utilizado para expressar a linguagem |
|-------------------|------------------|--|---|---|
| Recorte... | | | | |
| 1º | ILS | Hoje tem o aniversário, OJ, temos festa! | | Oralidade |
| 2º | OJ | O quê? | | Oralidade |
| 3º | ILS | O aniversário lembra? Te falei na semana passada no último encontro. | | Oralidade |
| 4º | OJ | Não! Não. Paqui? Nada | Balança a cabeça negando. Coloca a mão no peito. | Oralidade e gesto |

| Recorte... | | | | |
|------------|----------|--|--|-------------------|
| 5º | OJ | Aqui ó. Tá bom? | Balança a cabeça afirmando e sorrindo. Quer a confirmação de que estou entendendo. | Oralidade e gesto |
| 6º | Ils | Para quê esse dinheiro, OJ? | Mostro o dinheiro para ele | |
| 7º | OJ | Paqui, paqui...ó | Olhando e apontando para a aniversariante que acaba de chegar. | |
| 8º | Ils | Você vai dar o dinheiro? Não, não se preocupe com isso. Outro dia você traz um presente, ela vai entender. | | Oralidade |
| 9º | OJ | Não moça! Paquió, paquió. | Me chama para ir lá fora e aponta para o papel | Oralidade e gesto |
| 10º | Ils | Um momento. Você quer escrever! | Pega o papel e caneta e lhe entrega | Oralidade |
| 11º | OJ | | Escreve a palavra presente e aponta para o centro da cidade | Escrita e gesto |
| 12º | Ils | AAh! Você quer que eu compre o presente? | | Oralidade |
| 13º | OJ | Isso! Isso! Tá bom. | Balança a cabeça afirmando. | Oralidade e gesto |
| 14º | Ils e OJ | PRE-SEN –TE | | Oralidade |
| Recorte... | | | | |

Podemos perceber, após visualização dos dados, que OJ utiliza vários mecanismos para alcançar a palavra desejada. Quando ILS, no primeiro turno, lhe fala sobre o aniversário, ele logo questiona sobre o fato de não ter sido avisado “**Não, não. Paqui? Nada**” e ao mesmo tempo coloca a mão sobre o peito reforçando que está falando sobre ele. Nesse momento, ele reclama seu

lugar e seus direitos no meio social. Em seguida, convida ILs para a o canto da sala e retira da carteira uma determinada quantia em dinheiro e mostra a ILs dizendo: “**Aquí ó. Tá bom**”. Utiliza o próprio corpo quando balança a cabeça afirmando e sorrindo, esperando uma resposta positiva, que foi compreendido. A investigadora pergunta para ele para quê é o dinheiro e ele imediatamente aponta para a aniversariante dizendo: “**Paqui, paquió**”. ILs pergunta se ele vai dar o dinheiro como presente e ele a corrige: “**Nãõ moça! Paquió, paquió**” e convida a pesquisadora para sair da sala. Lá fora, aponta para um papel e ela o compreende dizendo: “Ah! Você quer escrever!” OJ escreve então a palavra desejada e, dessa forma, é compreendido, mesmo antes de terminar a palavra toda. Quando ILs o compreende ele responde: “**Isso! Isso! Tá bom.**” OJ costuma se desenvolver bem oralmente com ajuda de um prompting³, então, juntos eles realizam a palavra desejada que, no caso, era: PRESENTE. Esse sujeito, antes de ser acometido pela afasia, não tinha o hábito da leitura e nem da escrita, mas depois da sequela, percebemos que a leitura e a escrita têm sido utilizadas por ele em muitos momentos quando a oralidade falha. A escrita e a leitura dão pistas para que o prompting seja oferecido e ajuda OJ a reorganizar sua linguagem oral.

Figura: A escrita de OJ.



PRESENTE

³ Prompting é uma espécie de pista utilizada pelo pesquisador ou acompanhante para auxiliar ou estimular a continuidade dos diálogos estabelecidos com o sujeito que possui dificuldades linguísticas.

A escrita e a leitura de OJ também se encontram desorganizadas, como já discutimos anteriormente, a afasia é uma patologia da linguagem, então, não fica restrita somente à fala, mas também pode afetar a leitura e a escrita, que também são formas de se expressar. Os campos de linguagem vão se organizando de forma mútua e, no momento da falha, o sujeito busca o campo que se encontra mais eficiente para aquela situação.

Enfatizamos, também, a utilização da escrita para falar. O sujeito OJ começa escrever e quando consegue ser compreendido, este volta, imediatamente, para a fala, mesmo quando esta se encontra severamente limitada pela afasia.

Considerações finais

Como se vê, a linguagem pode ser expressa de múltiplas formas e, mesmo quando esta se encontra limitada em razão de uma afasia, como nesse caso, é possível, por meio de estratégias da própria língua, utilizar recursos como leitura, escrita, desenho, gestos, pantomimas e outros para inserir-se em situações comunicativas. É de suma importância uma visão linguística que leve em consideração o sujeito e, principalmente, suas estratégias para se fazer compreender, pois a partir dessas estratégias ele poderá, com ajuda do outro, reorganizar sua linguagem e manter-se na linguagem.

Referências

- ABAURRE, M.B. e COUDRY, M.I.H. Em torno de sujeitos e olhares. In: *Estudos da Língua(gem)*, v.6, n2., 1988, p. 171-191.
- COUDRY, M.I.H. *Diário de Narciso: discurso e afasia: análise discursiva de interlocuções* com afásicos. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. Neurolinguística Discursiva: Afasia como Tradução. *Estudos da Língua(gem)*. N.6, 2008, p. 67-96.
- FRANCHI, C. Linguagem – Atividade Constitutiva. In: *Almanaque*, 5. São Paulo: Brasiliense, 1977, p. 9-27.
- FREUD, S. *A interpretação das afasias*. Lisboa: Edições 70, 2003.
- JAKOBSON, R. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: _____. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1965, p. 34-62.
- LURIA, A.R. *Fundamentos de Neuropsicologia*. Rio de Janeiro/ São Paulo: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., Ed. da Universidade de São Paulo, Trad. Juarez Aranha Ricardo, 1974.
- LURIA, A, R. *O homem com um mundo estilhaçado*. Petrópolis: Vozes, 2008.

- MARCUSCHI, L.A. *Da fala para a escrita: Atividades de retextualização*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- SANTANA, A.P. *Escrita e afasia: o lugar da escrita na afasiologia*. São Paulo: Plexus Editora, 2002.
- SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. 27 ed. Rio de Janeiro: Cultrix, 2000.

Recebido em 30 de setembro de 2016.

Aceito em 31 de outubro de 2016.